

Colômbia, Kombilesa Benkos: 400 anos depois, seu povo segue em pé lutando

Via [Insisto y Resisto](#)

Em 16 de março de 1621, o líder negro rebelde Benkos Biohó foi assassinado em Cartagena de Índias pelas mãos da colônia espanhola. Enforcado e depois desmembrado por ordem do Governador García Girón após dois anos de prisão, o martírio de Benkos Biohó selou a primeira perfídia em nossas terras à trégua acordada em 1605 e convertida em um acordo de paz em 1613. Quatro séculos de perfídia e traição, como acontece hoje. Mais de quatro séculos de racismo estrutural, que com o emblema de Benkos deve ser refutado por qualquer projeto alternativo. Não há alternativa política possível, falsificando nossa história e negando os povos étnicos.

A reivindicação da lendária figura de Benkos Biohó, o rei do arcabuco, não só é essencial para a reparação do povo afro-colombiano, mas também faz parte da herança de resistência e subversão de Nossa América. Quando hoje muitas pessoas tentam liquidar a história, vale a pena lembrar que em seu tempo Benkos e os cimarrones eram vistos como bandidos ou criminosos, quando exerciam seu direito de se rebelar contra a tirania. A rebelião de Benkos – como a de Bolívar ou Mandela – envolveu uma ruptura com a legalidade existente: desrespeito à autoridade da Coroa, violação da propriedade privada branca e o exercício da violência contra as instituições coloniais. Negar isso seria adulterar a história.

A diáspora africana em nosso continente é produto do acúmulo por despossessão do capitalismo que raptou milhões de seres humanos na África para serem traficados e escravizados para o enriquecimento de coroas e consórcios europeus. Mas não pode

haver opressão que não gere rebelião. Em 1596, escravagistas portugueses sequestraram mais de 200 pessoas das ilhas Bijagós no que hoje é a Guiné-Bissau, que foram vendidas em Cartagena de Índias. Entre eles estavam Benkos Biohó – cristianizado como Domingo – sua companheira Wiwa e dois de seus filhos. Em 1599 Benkos e sua família mataram seu “mestre” e fugiram com 30 cimarrones para o arcabuco da Ciénaga de la Matuna, formando o primeiro palenque: o primeiro território livre na América.

A rebelião de Benkos implicou ao mesmo tempo na organização militar do palenque e da resistência, bem como na configuração de uma ordem social e cultural diferente da da colônia espanhola onde a africanidade foi salvaguardada. Após várias expedições militares fracassadas para destruir o palenque, a administração de Cartagena e até mesmo milícias de escravos submissos comandadas por seus senhores fracassaram, por volta de 1605 o então governador Suazo propôs um armistício contra os cimarrones rebeldes que já eram mil, vindos de todas as populações da costa caribenha. Em 1613 foi assinado o primeiro acordo de paz do continente como tal: a Coroa espanhola, através de sua governadora Fernández de Velasco, reconheceu a existência e a autonomia do palenque de La Matuna e garantiu a livre circulação dos cimarrones nos domínios espanhóis. Em troca, os rebeldes, com Benkos proclamado rei, concordaram em não atacar as plantações e propriedades européias, em não promover novas fugas de escravos e em não receber mais cimarrones no palenque.

Após 200 anos de vida independente, 6 anos depois, um novo governador, alegando que não havia assinado nenhum acordo, capturou Benkos em uma de suas visitas a Cartagena, executando-o em 1621. A triste tradição da perfídia da paz e a zombaria sistemática das autoridades do que havia sido acordado com comunidades ou insurgentes foi inaugurada logo no início. Coincidentemente, este 16 de março também comemorou o 240º aniversário do início da revolta de Los Comuneros, onde

mais uma vez a administração colonial assinou um acordo para quebrá-lo: as Capitulaciones de Zipaquirá, que terminaram no martírio de José Antonio Galán. Como Benkos ou Galán, Uribe Uribe, Gualadupe Salcedo, Jacobo Prías Alape, Carlos Pizarro ou os mais de 250 ex-combatentes assassinados das FARC-EP nos dão conta dessa compulsão para assassinar o antigo opositor na guerra, da qual o Estado colombiano não foi capaz de sair após 200 anos de vida independente.

O exemplo da Benkos se espalhou por toda a Nossa América. No então Novo Reino de Granada, seus herdeiros ergueram o palenque de San Miguel, hoje San Basílio de Palenque, formalmente reconhecido após um novo acordo de paz com a Coroa por volta de 1713, assim como muitos outros nos Montes de Maria, na Serranía de San Lucas, no Baudó ou no Cauca. A colônia não foi de 300 anos de calma, mas de lutas e rebeliões dos oprimidos. Apenas como exemplo, vejamos o breve resumo do historiador Ricardo Sánchez:

Em 1530, os cimarrones atearam fogo a Santa Marta. Em 1533 houve uma fuga maciça de escravos de Cartagena. Em 1556 houve uma rebelião de escravos em Popayán. Em 1598 houve uma revolta de escravos nas minas de Saragoça, matando os proprietários e criando palenques. Em 1755, houve uma grande rebelião no Panamá. No Vale do Cauca, por volta de 1772, o mulato Pablo organizou uma conspiração em Cali com cerca de 50 escravos para se juntar a mais 500 na região da mineração do Pacífico. Em 1777 houve rebeliões nos enclaves mineiros de Antioquia, em Cáceres, Zaragoza, San Jacinto, Guarne, Rionegro, Itagüí e Envigado. Em 1796, uma cidade do Panamá composta de castanheiros era chamada Palenque.

Os palenques de Benkos eram chamados de kumbés ou rochelas na Venezuela e quilombos no Brasil, mas o fenômeno se espalhou junto com várias revoltas de escravos. Vale a pena mencionar, entre outros, o Yanga em Veracruz, o quilombo de Zumbi dos Palmares no Brasil, o palenque de Bayano no Panamá, ou o cumbe do negro Miguel na então capitania geral da Venezuela.

Histórias apagadas pela história oficial, mas que as gerações atuais deveriam conhecer como as rebeliões de José Leonardo Chirinos, Pardo Morales, Sebastián Lengua, Petrona Conga ou Andresote. Esquecer suas lutas é pensar que o fim da escravidão foi um ato humanista dos comerciantes de escravos e faz parte do etnocídio que nega nossa cultura afro.

Enquanto o rei Benkos e as lutas negras são condenadas ao ostracismo histórico, em nosso país os escravistas e proprietários de escravos como Sergio Arboleda recebem homenagem pública, quando em um ato de reparação tais gestos de revitimização com a comunidade afro-colombiana deveriam ser banidos, como propus em meu relatório para a Comissão de Esclarecimento da Verdade.

Amigo Benkos, Kombilesa Benkos, rei da Matuna, você não está morto: quatrocentos anos depois, seu povo ainda está lutando.